



José Fernandes Castigo
Faculdade de Educação - Unicamp

CRIATIVIDADE NO ENSINO DA LEITURA E ESCRITA

MUNIZ, Luciana Soares & MARTÍNEZ, Albertina Mitjás. Aprendizagem criativa da leitura e da escrita e desenvolvimento: princípios e estratégias do trabalho pedagógico. Curitiba: Appris, 2019. 247 p.

“(...) ao ler uma palavra, ou mesmo escrevê-la, podemos nos remeter a lembranças, mas para além das lembranças, que são conscientes, participam outras produções subjetivas associadas às experiências da pessoa vividas em diferentes contextos de atuação, e que não são totalmente conscientes para a pessoa, porém que participam do momento atual de aprender” (p. 20).

Luciana Soares Muniz e Albertina Mitjás Martínez desenvolvem pesquisas sobre desenvolvimento da subjetividade, criatividade na aprendizagem da leitura e escrita, cotidiano escolar, psicologia escolar, entre outros temas. A primeira é professora de ensino fundamental e a segunda, pesquisadora e professora da Universidade de Brasília.

Este livro reúne reflexões e resultados do trabalho pedagógico diário realizado em sala de aulas de ensino fundamental, conduzido pela professora Luciana Soares Muniz.

São dois os propósitos desta obra. Primeiro, refletir sobre as particularidades de aprendizagem da leitura e escrita através da qual a criatividade emerge e organiza o aprender como um processo de desenvolvimento da subjetividade dos estudantes e, segundo, fornecer estratégias e instrumentos de trabalho aos professores que fazem da mediação um processo para a construção de experiências de ler e escrever na escola, uma

Revista Educare, João Pessoa, PB, v. 4, n. 1, p. 1-7, jan./jun. 2020.
Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/educare>>.



José Fernandes Castigo
Faculdade de Educação - Unicamp

vez que a aprendizagem da leitura e da escrita tem sido um enorme desafio para os profissionais da educação e áreas afins, tendo em vista a singularidade e a diversidade de processos que envolvem esse aprender, sejam os emocionais, cognitivos, contextuais, experienciais, etc.

Para concretização desses objetivos, a professora Luciana Soares Muniz fez o estudo de três casos, focando as crianças Murilo, Adriana e Gabriel, durante dois anos consecutivos (2011 e 2012). Optou-se por esta metodologia porque, pelos princípios que caracterizam a Epistemologia Qualitativa, o estudo da subjetividade não tem que ser realizado com um número elevado de participantes, pois requer um olhar personalizado para cada um deles. Ademais, essa escolha seria coerente com o objetivo da pesquisa.

No primeiro capítulo as autoras fazem a apresentação da Teoria da Subjetividade e suas principais categorias. Em seguida, elas conceituam a teoria e as categorias, e, finalmente, abordam o tema do desenvolvimento da subjetividade no âmbito dessa teoria.

A Teoria da Subjetividade de González Rey foi formulada a partir da perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano. É uma teoria aberta, em constante processo de desenvolvimento e cada vez mais reconhecida no âmbito nacional e internacional.

Para as autoras, a Teoria de Subjetividade é aquela que possibilita a superação de dicotomias clássicas, como interno e externo, social e individual, consciente e inconsciente, que, por sua vez, possibilita a compreensão das ações das pessoas em seus diferentes contextos. Esta comporta um conjunto de categorias, sendo as principais: subjetividade, subjetividade individual, subjetividade social, configuração subjetiva, sentidos subjetivos e sujeito. Nesse viés, importa realçar que a subjetividade é criada na



José Fernandes Castigo
Faculdade de Educação - Unicamp

sua dupla condição de subjetividade individual e subjetividade social, uma vez que se expressa tanto nos indivíduos quanto nos diferentes espaços onde os indivíduos convivem.

A subjetividade pode ser entendida como uma nova e complexa forma de compreender o funcionamento psicológico humano, seja social ou humano, nas condições da cultura. Por sua vez, a subjetividade individual vai ser a organização subjetiva da pessoa que, nas múltiplas e irrepetíveis relações que estabelece em diferentes contextos, expressa sua história de vida única. Essa história não se desenvolve pela somatória de fatos vividos, mas sim pelos sentidos subjetivos que a pessoa produz perante diferentes experiências ao longo da vida. Desse modo, as autoras deram atenção à subjetivação de diferentes experiências, especialmente as vividas na família e na escola.

A subjetividade social “constitui possibilidade que articula diferentes instâncias sociais na diversidade do tecido social de seus diferentes espaços, dentre os quais podem ser destacados os recursos desenvolvidos pela própria sociedade, como os programas de televisão, a internet, o cinema, a imprensa, dentre outros” (p.36). Nela se organizam sentidos subjetivos em configurações subjetivas, que se expressam em crenças, representações, tradições, discursos, mitos, padrões de relações, e que caracterizam um espaço social concreto, seja uma família, uma escola, uma sala de aula ou espaços sociais mais amplos como a sociedade no seu conjunto.

No segundo capítulo as autoras apresentam as acepções de criatividade como processo da subjetividade humana e de aprendizagem criativa da leitura e escrita. E como esse aprender se organiza tratando-se de uma configuração subjetiva do desenvolvimento da criança.



José Fernandes Castigo
Faculdade de Educação - Unicamp

Segundo as autoras, a aprendizagem criativa da leitura e escrita é uma forma complexa de aprender, expressão da subjetividade humana, que se caracteriza pela condição de sujeito na experiência de aprender, na confluência das quatro características: personalização da informação; confrontação com o dado; geração de ideias próprias e novas que transcendem o que está posto e relação lúdica com o aprender. Ela pode se expressar no comportamento dos estudantes de formas muito diversas e sempre singulares, dentre as quais destacamos: realização de perguntas interessantes e originais; questionamentos e problematização da informação; percepção de contradições e lacunas no conhecimento; estabelecimento de relações remotas e pertinentes; proposição de várias alternativas e hipóteses diante dos problemas a resolver; solução inovadora de problemas; elaboração personalizada de respostas e proposições. Assim, o professor, atento a essas expressões, deve valorizá-las e estimulá-las, e não as desvalorizar ou inibir, como às vezes acontece na dinâmica da sala de aula.

Em capítulo subsequente as autoras apresentam as bases epistemológicas e a metodologia utilizada para concretização da investigação, que tinha como objetivo principal perscrutar como a criatividade emerge na aprendizagem da leitura e da escrita, e suas inter-relações com o desenvolvimento da subjetividade da criança. Nessa fase, destacam dois momentos: trabalho de campo e produção de informação – pesquisa de campo. No primeiro momento as autoras falam sobre: a escola onde foi realizada a investigação, o processo de escolha dos participantes, a construção do cenário social da pesquisa, o contato com os professores, a inserção na rotina dos aprendizes e o contato com as famílias. Na produção de informação, as autoras indicam os objetivos dos instrumentos e procedimentos utilizados na pesquisa, nomeadamente: observação



José Fernandes Castigo
Faculdade de Educação - Unicamp

participante, momentos informais, dinâmicas conversacionais, diários de ideias, oficina de leitura e escrita, montando minha história, brincando de escolinha, trilha de frases, mapa do tesouro, minhas mudanças e imersão no campo.

Já no quarto capítulo as autoras mostram, a partir de três estudos de caso (Murilo, Adriana e Gabriel), como, na aprendizagem da leitura e da escrita, a criatividade emerge de forma sistêmica, na confluência de quatro características: confrontação da informação, geração de ideias próprias e novas que transcendem o que está posto, bem como a relação lúdica.

Dos três casos estudados, as autoras identificaram de forma singular as características da aprendizagem criativa conceitualizadas por Mitjans Martínez. Nesses casos, a condição de sujeito de aprendizagem se expressou mediante: a) a confrontação com o instituído e com suas próprias produções; b) a subversão e criação de caminhos próprios para exercer a leitura e a escrita; c) a capacidade reflexiva com que se imbuem na aprendizagem; d) o caráter autônomo e questionador; e) o protagonismo no processo de aprender; f) a autoria e o caráter empreendedor. Assim, as autoras constataram que a aprendizagem criativa da leitura e da escrita, enquanto um processo de desenvolvimento da subjetividade, se organizou como processo relacional, ancorado na vida, evidenciando-se na capacidade geradora do aprendiz de se colocar como atuante e fazendo dos processos da linguagem uma possibilidade de expressão própria, constituinte de novos processos de subjetivação.

Para finalizar, as autoras destacam que em Murilo, Adriana e Gabriel a criatividade permitiu a exploração de suas aptidões, passando estas a atuar como peças fundamentais de sua aprendizagem, de inscrição e criação no mundo, na busca de conhecê-los e, em alguma medida, transcendê-los. Assim, este estudo mostra o desenvolvimento da



José Fernandes Castigo
Faculdade de Educação - Unicamp

subjetividade ligado ao processo de aprendizagem, principalmente a um tipo de aprendizagem – a aprendizagem criativa. E que nessa aprendizagem (criativa da leitura e escrita) estão sempre presentes processos que envolvem o jogo e o brincar, na singularidade de cada caso.

No quinto e último capítulo, as autoras destacam a importância da escola na constituição e desenvolvimento da criatividade na aprendizagem e, para tal, indicam estratégias e possibilidades para o trabalho pedagógico do professor.

Assim, para o desenvolvimento da criatividade na aprendizagem existem três grandes desafios que se impõem à escola: a) mudar as representações e o sistema valorativo dominante sobre a aprendizagem; b) colocar o foco da ação educativa no desenvolvimento de recursos subjetivos e não apenas na transmissão cultural; e c) a personalização do processo de ensino.

As autoras afirmam que é fundamental que se rompa com a visão estruturalista e normatizada da linguagem, que se caracteriza pelo falar sobre a língua e não o uso, em processo vivo de expressão. Esta ideia é consubstanciada por Vigotski apud Coelho (2009; 2011) quando dizem "a escola deve superar a concepção tradicional de linguagem em que se restringe ao produto, padronizando os processos de aprender dos estudantes" (p.183).

As autoras acreditam que a subjetivação singular das experiências vividas pelos alunos é fundamental para o desenvolvimento e a emergência da criatividade. Entretanto, é importante que tudo que o professor planeje e faça em sala de aula assegure a potencialização de experiências favorecedoras do desenvolvimento de recursos subjetivos que possam se expressar na criatividade da aprendizagem.



José Fernandes Castigo
Faculdade de Educação - Unicamp

Em relação aos instrumentos de trabalho pedagógico a ser implementado pelo professor, as autoras não recomendam uma ordem a ser seguida. A escolha de quais instrumentos utilizar e sua ordem demanda do conhecimento do professor de sua turma e de suas especificidades. Nesse contexto, enfatizam o diálogo como via essencial para produção de informação, e não o instrumento por si só.

É uma obra de fácil leitura e compreensão para profissionais ligados à Educação e áreas afins. No que refere ao conteúdo, este estudo permite reforçar o papel da escola e sobretudo do professor como favorecedor da aprendizagem criativa da leitura e escrita, pela significação que esse tipo de aprendizagem tem para o próprio processo de aprendizagem e para o desenvolvimento da subjetividade. Também mostra a relação lúdica como uma das características da aprendizagem criativa da leitura e da escrita.

A obra propõe soluções, princípios e estratégias para o trabalho pedagógico do professor. Assim, os temas tratados na obra podem contribuir significativamente para melhoria do ensino da leitura e escrita. Nesse sentido, recomendamos vivamente a sua leitura, pois é uma obra de extrema importância para professores (sobretudo os de língua e literatura), pesquisadores, estudantes de graduação e pós-graduação.

Recebido em 26 de junho de 2020
Aprovado em 29 de junho de 2020

Revista Educare, João Pessoa, PB, v. 4, n. 1, p. 1-7, jan./jun. 2020.
Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/educare>>.